

## A MEMÓRIA CULTURAL NA EXPANSÃO LITERÁRIA

*Maria José Palo\**

*Maria dos Prazeres dos Santos Mendes\**

Resumo: A partir do conceito de semiose formulado pelo filósofo Charles S. Peirce, atribuímos um lugar para o discurso literário entre os discursos mítico, religioso e prático como componentes da Memória Coletiva de uma dada sociedade. Essa abordagem deve-se à noção científica de sistema complexo, gerador dos conceitos de desordem, caos e entropia, donde emerge a necessária fusão entre ciência e arte, e dentre elas, a Literatura. Uma correlação sistêmica resultante efetiva a conectividade entre culturas e suas memórias, fontes de aquisição de conhecimento, como um fenômeno dialógico que ocorre entre mentes e dentro de uma só mente. Estas inter-relações dialógicas entre os discursos mítico, religioso, prático e literário produzem padrões interpretativos signícos, os quais garantem a preservação e transmissão da memória cultural, prioritariamente, em ato discursivo de expansão literária.

Palavras-chave nucleares: Sistemas Complexos, Semiose, Memória Cultural, Literatura.

A sociedade ocidental tem vivido, por dois séculos, sob um paradigma conceitual de simplicidade de ordem e simetria, que tem marginalizado as artes de forma isolada das ciências, em particular a Literatura. Estes conceitos de organização e de ordenação são aqueles que, até então, mantiveram entre si um distanciamento conceitual de complexidade e de organização, causando uma inevitável conformidade do pensamento a uma organização linearizada das coisas do universo.

Entretanto, quando a ciência evoluiu acerca do conceito de ordem e caos, as demais áreas de conhecimento começaram a interagir com outros níveis da filosofia, com a própria ciência e a tecnologia. Por sua vez, a literatura, dentre as demais artes, sentiu-se no propósito de encontrar seu modo de intersecção urgente com a estética num contexto feito de complexidades, passando, por consequência, a lidar, com a desordem, o caos, a entropia em seu sistema vivo, em correlação com outros subsistemas que com ela interagem significativamente. Percebeu-se emergir dessa complexidade sistêmica, a necessária fusão ciência e arte, além de uma busca de solução, por transferir à estética uma preocupação com uma forma de vida organizada com um senso artístico, estético, ao ser colocada sob as leis da irreversibilidade evolutiva. Inaugura-se, portanto, um novo tempo para as artes sob o imperativo da sobrevivência dos sistemas culturais, delimitados em seus subsistemas individualizados quanto aos signos e a toda a cultura, que permitem sua identificação no macro-sistema do universo.

Neste limiar, o parâmetro básico sistêmico do Universo é transferido para os demais sistemas abertos à expansão, carregando consigo todos aqueles subsistemas por ele controlados sob sua permanência, visto que dele somos herdeiros. Essa correlação aberta significa conectividade entre culturas e suas memórias, formas de conhecimento sofisticadas para permanecerem como suas próprias verdades, ao mesmo tempo particulares e gerais.

Para certas sociedades de nossa história, a memória representou uma fonte de aquisição e conhecimento, enquanto uma tecnologia de preservação da cultura. Tratam-se de signos, instrumentos úteis na configuração da identidade, configurações icônicas individuais de experiências passadas, a saber: crônicas, enciclopédias, informações estocadas no database da cultura. Por conseguinte, todo progresso passa a depender dessa externalização e coletivização da memória. Memória coletiva que passa ativamente a criar novos meios de estocar e difundir signos.

---

\* PUC - São Paulo.

Tomamos, como ponto de partida para a defesa desta argumentação, os fundamentos da Semiótica peirceana, expostos pelo estudioso e pesquisador da filosofia de Peirce, Jorgen Dines Johansen, em *Dialogic Semiosis*:1993, ao propor ao signo certas funções essenciais como a externalização e a coletivização da memória, instrumentos de modelação da identidade de civilizações. Para Peirce, o processo de significação e de aquisição de conhecimento é um fenômeno dialógico, entre mentes e um diálogo interno dentro de uma só mente. Donde, segundo o autor, pode-se apreender a existência de uma contenção do processo de comunicação no processo de significação.

Toda ação comunicativa de uma cultura só pode ocorrer dentro de sua própria sociedade, em interação com o mundo que a circunda, enclausurada nos objetos trabalhados por seu textos culturais. Este corpo de interpretações da sociedade em interação com o universo é o conceito de memória coletiva, cuja principal função é a de tornar possível a formação de novos hábitos como respostas novas aos signos, na base de experiências do passado acrescentadas aos processos de aprendizagem, no dizer do autor. Isto significa uma redução de respostas cambiadas em condutas, conforme Peirce nos afirma, à "máximas memoriais" (Ver *Collected Papers*, Vol. V, 5.460: "É verdadeiro que nós podemos instituir uma nova investigação para o propósito; mas as suas descobertas se farão aplicáveis apenas depois de terem sido feitas e reduzidas a uma máxima memorial. Em resumo, o Passado é a fonte de todo o nosso conhecimento"). Esse corpo de conhecimento é que permitiu ao mesmo autor perguntar: como uma dada sociedade e cultura conseguem chegar a um estágio presente?

Desse modo concebida, a memória coletiva é um meio de auto-compreensão e de interpretação do mundo e das culturas nela incluídas. Nela acham-se retratados os tipos de discursos operativos inseridos em seu sistema social simples. Numa hierarquia de textos transmitidos oralmente, arrolam-se os discursos míticos ou religiosos no seu topo, e os textos representativos de outros tipos de discursos voltados para os primeiros, formando, por objetivos próprios, padrões interpretativos das relações sociais.

Por essa via, os signos da cultura passam a ser instrumentos participativos na configuração da identidade, como meios de difusão cultural. As histórias antigas são atualizadas como criações do imaginário coletivo sem limites geográficos. Elas apresentam um caráter universal que, uma vez originado de modo espontâneo e indiferente à cultura oficial, passam a interessar-se apenas por seus conflitos, desdobramentos e soluções. Em sua universalidade, os signos culturais passam a desenvolver certos índices que se repetem nas histórias criadas de várias épocas e locais.

Ao discurso mítico, acrescentam-se outros tipos de discurso, a saber: o discurso prático, com textos referentes à reprodução do material da sociedade, habilidades de agricultura, culinária, etc.; o discurso social, textos explicativos da estrutura social, as inter-relações entre grupos e indivíduos; homens e mulheres, adultos e crianças, construindo regras de interação social; o discurso histórico, suas narrativas e lendas referentes a tribos, clãs, famílias, indivíduos e lugares do mundo. Todavia, estes textos não oferecem genealogias, cronologias, discussões topográficas e crônicas que relatam o passado da sociedade; o discurso literário que, em suas formas simples, sagas, mitos, canções de mulheres, canções de rituais, traduções, frases mágicas, é aquele que recria a memória ancestral. O discurso mítico empresta autoridade ao discurso social; práticas materiais transmitidas pelo discurso prático podem dar uma explicação ritualística, enquanto o discurso histórico e mítico podem ser enfocados como um continuum, ao ligar o passado mais recente aos mitos de origem. Todos os quatro discursos são pensados para se referir basicamente à mesma realidade, pois habitam o mesmo universo que é concebido como um todo.

Literatura é antropomórfica e mítica, concreta e específica, ao expressar os medos e desejos humanos em articulação com as experiências e os modos adotados por uma certa cultura. Em sentido contrário, a literatura pode desafiar suas normas vigentes, contradizer e gerar tensões dentro dela, além de apontar soluções possíveis à cultura sob novos modos de vida. A representação ficcional da literatura é sustentada por seu próprio código específico, a literariedade, o princípio construtor de estruturas organizacionais similares que favorecem sua expressividade. Em relação tríplice, o texto literário representa ações, estados de coisas análogas àquelas experienciadas num universo histórico, aproximando-se do ponto de vista aristotélico, o mimético. A literatura imita a nossa própria vida, nossa alma e os modos como a representamos lingüísticamente.

Para Peirce, "o mundo real não pode ser distingüido do mundo da imaginação para qualquer descrição" (CP 3.363): isso porque sua estrutura proposicional elementar de sentenças factuais e ficcionais é a mesma. A literatura imita ao representar para que uma dada cultura sobreviva e preserve sua identidade em forma de fantasia coletiva. Tanto o discurso prático quanto o social estão no próprio corpo literário e, na mente representacional, toma forma como pensamento. Por essa razão, para Peirce, escrever envolve um convite para construir e executar experiências com essas imagens fabricadas pelo pensar em ação imaginária. Vãos da imaginação dos quais a investigação científica e a criação artística fazem uso para o exercício heurístico com os contrastes e as oposições do seu poder-ser inerente.

Estes quatro tipos de discursos, na verdade, interpenetram-se e sustentam-se um no outro, conexão esta que reforça a ordem e a unidade na vida diária de uma certa sociedade, propiciando a preservação e transmissão da memória coletiva, ao mesmo tempo em que constroem sistemas semióticos eficientes, dentre eles, a escrita.

Nesse espaço único e unificado da memória, a Literatura habita o seu centro, subsumindo qualquer tipo de discurso capaz de articular sentimentos humanos de um modo global, cosmogônico e recriado como um discurso histórico; o discurso literário relaciona eventos e estados de coisas, atribuindo-lhes veracidade e, como um discurso prático e social, incorpora-os mimeticamente. Nesta identificação globalizada, todos os discursos são representações de normas, valores, estratégias para a sobrevivência da memória coletiva.

As culturas, embora inscritas na história e demarcadas como territórios da pluralidade e da diferença, rememoram e representam matrizes perenes as quais, ritualisticamente, celebram a ancestralidade e a ciclicidade do tempo. O mito, nessas culturas, reveste-se de sentido unificador de todos os fenômenos dispersos. O pensamento classificador, a reflexão filosófica, descobrem, na unidade indivisível dos complexos primitivos, qualidades claras e distintas, entre o sagrado e o profano (Callois, 1906: 58). Os textos sagrados de religiões superiores mostram uma forte tendência a tornarem-se enciclopédicos, conforme Northrop Frye assim descreve: "Deveríamos observar também a tendência regular do ritual tornar-se enciclopédico. Todas as recorrências importantes na natureza, o dia, as fases da lua, as estações e o solstícios do ano, as crises da existência do nascimento à morte ganham rituais anexados a eles, e a maioria das religiões superiores são equipadas por um corpo completo, definitivo de rituais, rico de sugestões, se assim pudermos colocar, da série inteira de ações potencialmente significantes na vida humana" (Frye, 1966:93). Os discursos religiosos na cultura perderam seu monopólio. Este está junto à pluralidade de discursos que tentam responder questões referentes às origens, causas e relacionamentos dentro do universo e das culturas humanas, diferentemente, afirma-nos Johansen. Na maioria destes discursos, o elemento narrativo do contar ainda existe, todavia, caracterizado pela desantropomorfização e pela desmitologização, com objetivos mais limitados. A semelhança entre o discurso mítico e o religioso não se fundamenta em critérios infalíveis, abrindo, por consequência, distinções entre um texto literário e um não literário. Sendo uma celebração, comemoração ou sátira dessa matéria, todas estas experiências discursivas têm desempenhado e desempenham uma função importante na produção da literatura. Sobretudo, no tempo do discurso ficcional, os demais discursos passam a ganhar a lógica do tempo do signo que, nos seus textos, fica no relacionamento entre a percepção da estrutura e a crença na desordem da existência.

Ao retomar o conceito de tempo específico, que advém do conceito peirceano de semiose, afirmamos que toda ação do signo triádico nos leva a um processo de geração e evolução de signos, numa cadeia de hábitos que são, em si mesmos, índices de evolução. Como seu resultado, semiose, autoorganização, tempo interno confluem-se ao construir sistemas relacionados entre si como um agregado de elementos que partilham propriedades (Uyemov apud Johansen, 1975:96). Estas geram parâmetros que permitem a comparação e a utilização de subsistemas componentes, de modo a garantir a generalidade da intertextualidade dos discursos. É nesse modo evolutivo que a cadeia semiótica se estende infinita e indefinidamente. A complexidade do sistema, por sua vez, é a variável que vai exprimir uma tendência evolutiva universal, variação de valor de tudo o que o ser humano faz, seja como criação artística ou científica. Sob a mesma dominante da objetividade sistêmica, os aspectos de uma obra literária ou artística passam a independem da subjetividade e da atenção do criador ou observador.

Por conseguinte, se consideramos a memória coletiva sob o diagrama complexo da semiose dialógica, de inter-relações de múltiplos discursos em tensão, qualquer sociedade deverá manter uma certa independência, ao sobreviver com coesão e coerência em seu sistema coletivo ou memória coletiva. Nela, a literatura ganha uma função primordial: preservar as formas de fantasia coletivas no centro da vida mental do sujeito e das relações que mantém neste todo ordenado sob a égide da complexidade. Reconhece-se que, nesta correlação universo e objeto, existe uma rede espaço-temporal, dentro da qual os objetos da memória coletiva estão situados, contextualizados e incorporados pelo signo, que é identificado com o universo dos discursos de uma certa cultura. O signo é que os medeia e é desta mediação que resulta a expansão da literatura. Universo de discursos que pode ser analisado de dois diferentes pontos de vista, estreitamente ligados, o ontológico e o epistemológico, de acordo com Peirce, todavia, esse universo está sempre aberto aos novos discursos da cultura, sob a reciprocidade da reflexividade do diálogo *a semiose dialógica em pragmática universal exercida pela memória coletiva cultural, em cujo coração está a Literatura.*

**BIBLIOGRAFIA**

ARISTOTE. *De l'âme*. Traduction de Richard Bodéüs. GF - Paris, Flammarion, 1993.

FRYE, Northrop. "The Archetypes of Literature". In John B. Vickery (ed) *Myth and Literature*, Lincoln, University of Nebraska, 1966.

JOHANSEN, Jorgen Dines. *Dialogic Semiosis*. An Essay on Signs and Meaning. Bloomington & Indianapolis, Indiana University Press, 1983.

PEIRCE, Charles S. (1931-1966). *Collected Papers of Charles S. Peirce*. Vol. V. Charles Hartshorne, Paul Weiss, and Arthur Burks (eds.). Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

SHERIFF, John K. *Charles Peirce's Guess at the Riddle*. Grounds for Human Significance. Bloomington & Indianapolis, Indiana University Press, 1994.